

CONSTITUIÇÃO DO EU E IDENTIFICAÇÃO NARCÍSICA: O DEBATE ENTRE FREUD, FERENCZI E ABRAHAM ACERCA DA MELANCOLIA

THE CONSTITUTION OF THE SELF AND NARCISSISTIC IDENTIFICATION: THE DEBATE BETWEEN FREUD, FERENCZI, AND ABRAHAM REGARDING MELANCHOLY

Érico Bruno Viana Campos
Faculdade de Ciências de Bauru – Universidade Estadual Paulista – UNESP
erico.bv.campos@unesp.br

RESUMO

A preocupação com a gênese do eu e da estruturação do “caráter” ou personalidade se tornou um dos eixos que motivaram a rica era dos debates na Psicanálise nas décadas de 20 e 30 do século XX. No cerne dessa problemática está a compreensão do mecanismo de identificação narcísica na melancolia, que se dá sob diferentes perspectivas envolvendo Freud e seus dois discípulos mais originais, Ferenczi e Abraham. A proposta deste ensaio teórico de cunho histórico é trazer contribuições para a posição de que a matriz clínica de melancolia e a problemática do narcisismo primário são o cerne do paradigma objetal em Psicanálise. São discutidas as múltiplas perspectivas sobre a constituição do eu e das relações de objeto, com destaque para a dinâmica de identificações com o objeto materno.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Filosofia. Melancolia. Narcisismo. Identificação.

ABSTRACT

The concern with the genesis of the self and the structuring of the “character” or personality became one of the axes that motivated the rich era of debates in Psychoanalysis in the 20s and 30s of the 20th century. At the heart of this problem is the understanding of the narcissistic identification mechanism in melancholy, which occurs from different perspectives involving Freud and his two most original disciples, Ferenczi and Abraham. The purpose of this theoretical essay of a historical nature is to bring contributions to the position that the clinical matrix of melancholy and the problem of primary narcissism are at the heart of the object paradigm in Psychoanalysis. The multiple perspectives on the constitution of the self and object relations are discussed, with emphasis on the dynamics of identifications with the maternal object.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Philosophy. Melancholy. Narcissism. Identification.

CONSIDERAÇÕES INICIAS

Este ensaio teórico propõe discutir o tema da gênese do Eu e da personalidade em Psicanálise a partir do aprofundamento em uma de suas controvérsias seminais ocorrida na década de 20 do século XX entre Sigmund Freud e dois dos seus mais originais discípulos – Karl Abraham e Sándor Ferenczi – acerca da constituição narcísica do Eu a partir da análise dos quadros psicopatológicos de melancolia.

A justificativa para tal recorte se dá porque a introdução do narcisismo em

Psicanálise é um ponto de inovação e ampliação considerável no arcabouço teórico-conceitual da disciplina, sendo inclusive um dos motivadores do revisionismo subsequente na teoria freudiana. Além disso, é considerado por muitos autores o início de uma teoria das relações de objeto e precursor de um novo paradigma em Psicanálise, centrado nas vicissitudes do objeto em detrimento das vicissitudes da pulsão. Por fim, também tem um interesse filosófico mais geral, na medida em que a ideia de uma gênese afetiva da consciência reflexiva e sua ampliação para uma noção de Eu constituído por identificações traz uma ruptura com concepções epistemológicas e ontológicas próprias da modernidade ocidental que ainda embasavam as teorias psicológicas e psiquiátricas da época. Contudo, se no âmbito do horizonte externo ao campo psicanalítico é possível demarcar rupturas epistemológicas originárias e constitutivas, no horizonte interno a questão é um pouco mais complexa. Há uma tradição de análise histórica e epistemológica da psicanálise que se preocupa em demonstrar a natureza não dicotômica e não linear ou progressiva da elaboração teórico-conceitual no campo. Essa forma de elaboração conceitual é mais próxima em sua forma das vicissitudes do inconsciente, o que permite, no âmbito da teoria, encontrar fenômenos e movimentos da ordem dessa dinâmica. No âmbito internacional, a proposição de Laplanche (1992) sobre a espiral problemática é paradigmática. Essa tradição de leitura é uma característica importante da Filosofia da Psicanálise que se desenvolve no âmbito acadêmico nacional, tendo nos trabalhos de Mezan (1988) e Monzani (1989) uma referência importante para pensar a complexa trama conceitual das teorias psicanalíticas e sua dinâmica pendular de elaboração e resolução, o que implica repensar as categorias de continuidade e de ruptura na apreciação histórica do legado de um autor ou de um campo.

Da minha parte, venho trabalhando com a ideia de que a teoria freudiana do desenvolvimento da libido e da personalidade configura um espaço balizado e norteado por dois eixos de teorização sobre o desenvolvimento: o eixo centrado nas formas de satisfação da libido em zonas erógenas - *eixo pulsional* - e aquele centrado nas formas de estabelecimento de relações com os objetos - *eixo objetal*. Seguindo a tradição da filosofia da psicanálise que citei, considero que esses eixos estão intrinsecamente articulados na teoria freudiana, não estando apenas em complementaridade ou mera oposição, mas também em tensão permanente, gerando um campo de problematização que não encontra resolução e sistematização na teoria freudiana; pelo contrário, suscitam uma série de discussões no movimento psicanalítico que ressoarão na configuração das diferentes vertentes pós-freudianas.

Considero também que o epicentro inicial dessas tensões se dá na controvérsia apontada, de modo que cabe examinar os seus termos e caracterizar seus argumentos, de forma a delinear a problemática em questão, sendo este o objetivo principal deste artigo.

O recorte será apontar que no cerne dessa problemática está a compreensão do mecanismo de identificação narcísica na melancolia, que envolve diferentes perspectivas entre Freud e seus dois discípulos. Por um lado, Ferenczi e sua revolucionária proposta do mecanismo de introjeção em que a constituição do eu se dá no sentido de uma diferenciação em relação ao objeto. Por outro, Abraham e sua tentativa de sistematização psicopatológica centrada no desenvolvimento das organizações da libido e do amor objetal. Ambos enfatizam a noção de incorporação oral do objeto como modelo para a identificação narcísica. Freud, por sua vez, encontra-se reticente em renunciar ao primado da dinâmica do recalque como o cerne da constituição da personalidade. O debate intertextual acompanha a obra dos três autores nesse período, mas encontra na discussão sobre o luto e a melancolia seu ponto de tensionamento.

Para tanto, o ensaio fará uma abordagem teórico-conceitual da genealogia dessa problemática no campo psicanalítico, utilizando do cotejamento da literatura primária dos três autores e de alguns comentadores. Utilizarei de uma metodologia hermenêutica de leitura de extração psicanalítica (CAMPOS; COELHO JUNIOR, 2010), inspirada na proposta laplancheana de interpretar com Freud (LAPLANCHE, 1988).

O objetivo é endossar a posição de que a matriz clínica de melancolia é a fonte do paradigma objetal em psicanálise e resgatar a riqueza dessa controvérsia e indicar suas implicações na história da psicanálise. Nesse sentido, trabalharemos essas múltiplas perspectivas sobre a constituição do eu e das relações de objeto, com destaque para a dinâmica identificatória.

CONTEXTUALIZANDO A PROBLEMÁTICA

A Psicanálise se constituiu no fim do século XIX como uma prática de cuidados à saúde mental de pacientes neuróticos, configurando um campo teórico-conceitual e metodológico próprio, com profundas rupturas em relação à tradição moderna e ocidental de compreensão do ser humano. Essa revolução copernicana efetuou uma terceira ferida narcísica para a humanidade, denunciando que o Eu não era senhor de sua própria vida mental. Isso quer dizer, mais especificamente, que as concepções modernas

de sujeito e indivíduo, baseadas em uma consciência racional e reflexiva como essência da subjetividade e fundamento da organização social ficam ameaçadas na medida em que emerge uma nova concepção de inconsciente, calcado na sobredeterminação da consciência por um conjunto estruturado e dinâmico de fantasias de desejo de ordem sexual e infantil. A invenção e sistematização de uma teoria topográfica dos sistemas psíquicos (Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente) centrada na dinâmica do recalque ocupa as primeiras décadas da obra freudiana e do próprio movimento psicanalítico, estabelecendo um ruptura em relação aos fundamentos filosóficos (ontológicos e epistemológicos, sobretudo) da Psicologia e da Medicina da época (CAMPOS, 2010).

Essa posição singular da Psicanálise em relação aos saberes e práticas sobre a consciência humana se estabelece logo de início, embora o interesse propriamente filosófico sobre Psicanálise vá começar a ocorrer principalmente a partir da década de 20 do século XX, a partir da consolidação e amadurecimento do novo campo teórico. Essa mesma década inaugura o momento de revolução e revisionismo na teoria freudiana, a chamada *virada dos anos vinte*, com a introdução não só de uma nova dualidade pulsional, como de um modelo ampliado do aparelho psíquico (Eu, Isso e Supereu).

Nesse sentido, o período entreguerras é considerado pela historiografia psicanalítica um momento de amadurecimento e ampliação do movimento psicanalítico, não apenas em sua dimensão institucional, mas principalmente em seu alcance teórico. Capitaneados pela tendência freudiana de aprofundamento na caracterização e interpretação psicanalítica dos fenômenos sociais e culturais, os principais autores do campo psicanalítico vão se lançar em diferentes e variadas direções de aplicação do método e das categorias conceituais psicanalíticas, bem como de ampliação das formas de se fazer a clínica. Esse movimento será bastante rico e profícuo, marcado pelo início de contribuições originais, consistentes e sistemáticas dos principais discípulos do movimento, que estabelecerão tendências de direcionamento da pesquisa e teorização, suscitando ao longo desse percurso intensas discussões e algumas controvérsias, além de uma nova onda de dissidências. Essa *Era dos Debates* (MEZAN, 2014), tem como marcos históricos o período entre as duas Guerras Mundiais e o período de revisionismo da obra freudiana que se inaugura em 1920 e se encerra com a morte do autor em 1939. Dentre as inúmeras linhas de investigação e teorização desse período, uma que considero crucial para os desenvolvimentos da teoria psicanalítica como um todo é a discussão sobre o

que era na época denominado de *análise do caráter* (REICH, 1933/1989) - derivado da terminologia médico-psiquiátrica forense (*caracteriologia*) - mas que em termos mais clássicos da Psicologia e também da Psicanálise pode ser entendido como a compreensão das diferentes características e estruturas da personalidade segundo uma perspectiva psicodinâmica. Esse movimento implica necessariamente uma perspectiva de desenvolvimento ou gênese, uma vez que na teoria psicanalítica os diferentes arranjos caracteriológicos e sintomatológicos se assentam em um esquema geral do desenvolvimento psicosssexual da libido. Em outras palavras, os *tipos libidinais* (FREUD, 1931/1996) e as estruturas psicopatológicas derivam de uma teoria do desenvolvimento da personalidade (CAMPOS, 2010; MEZAN, 2014) em que o Eu não só é a instância mediadora e ativa (entre o Isso, o Supereu e a Realidade), mas também um produto no processo de gênese do aparelho psíquico.

Desse modo, a preocupação com a gênese do Eu e a estruturação do “caráter” ou personalidade se tornou um dos eixos que motivaram a rica era dos debates na Psicanálise. Essa problemática, por sua vez, se configurou a partir da introdução do conceito de narcisismo e de uma teorização sobre as identificações (FREUD, 1914/2004; 1917/2006) que consistiu em uma nova abertura dentro do movimento de síntese efetuado por Freud em meados dos anos 1915 com os artigos de metapsicologia, os artigos sobre técnica e as conferências introdutórias de psicanálise (CAMPOS, 2014).

Motivada pela ampliação da matriz clínica para além das neuroses, adentrando o campo das psicoses e da melancolia, a concepção do narcisismo inaugura uma nova perspectiva sobre as relações de objeto. Essa nova perspectiva tem uma dupla incidência sobre o movimento psicanalítico: *clínica* e *teórica*. Assim, por um lado há a dimensão técnica, que é a ressaltada no mencionado debate sobre a análise do caráter. A questão em jogo é o progressivo reconhecimento – desde a noção de formações reativas – de que os produtos do conflito entre fantasias libidinais e defesas, para além de seu retorno na forma de sintomas ou fenômenos pontuais da esfera da consciência (sonhos, atos falhos, etc.) podem ser incorporados à estrutura de personalidade na forma de traços de caráter. Para sustentar essa diferenciação, é proposta a distinção entre os impulsos que se contrapõem (*egodistônicos*) e aqueles que estão em confluência em relação ao Eu (*egossintônicos*), que na sequência será incorporada à descrição das funções e mecanismos de defesa do Eu. Essas categorias conceituais formarão o arcabouço de uma psicologia do Eu, que será indicado pelos trabalhos seminais de Anna Freud (1936/2006) e Heinz Hartmann (1938/1968) e logo se converte em tendência dominante

no movimento psicanalítico de língua inglesa, constituindo um modelo teórico geral bem articulado entre a gênese da personalidade normal e patológica e o manejo técnico, cujos manuais de Otto Fenichel (1941, 1945/1981) serão a referência paradigmática na formação nos Estados Unidos até pelo menos os anos 1960.

Do ponto de vista da teoria da técnica, isso implica uma modificação importante no manejo das interpretações e condução do processo analítico, na medida em que se desloca da interpretação dos sintomas para uma compreensão da dinâmica da personalidade.

Esse movimento de ampliação da técnica, por sua vez, se apoia na própria ampliação da matriz clínica, uma vez que as questões sobre a análise do caráter ganham evidência na medida em que os psicanalistas (novamente o percurso freudiano é o eixo norteador) aprofundam a exploração na vertente das neuroses obsessivas e compulsivas (o “caráter anal” é o protótipo para a análise do caráter), mas, sobretudo, a partir da consideração de um novo campo da psicopatologia: as *psicoses* (onde inclusive irão se destacar os outros grupos, como os kleinianos e intermediários) Nelas, não são apenas os traços de caráter do Eu que estão em questão, mas a própria estruturação dessa instância como mediador entre os impulsos inconscientes e a realidade.

Por conta disso, com as psicoses, surge de forma mais explícita a questão da constituição do Eu como uma etapa do desenvolvimento psicosexual da libido: o Eu não está dado de antemão e não surge apenas da maturação funcional do psiquismo humano, ele precisa ser investido de sexualidade para se constituir como uma unidade e para operar como agente mediador da personalidade. Portanto, o Eu e a personalidade como um todo possuem uma gênese libidinal que se dá concomitantemente à diferenciação da realidade objetiva por meio do estabelecimento das relações de objeto propriamente ditas e de processos de identificação com o objeto como formadores do Eu e de suas instâncias ideais.

Assim sendo, a ampliação ocorrida no âmbito da clínica psicanalítica trouxe uma série de inovações no âmbito da teoria psicanalítica, tanto em sua metapsicologia como em sua teoria do desenvolvimento. Organiza-se um novo capítulo de fenômenos e processos psicológicos em Psicanálise, envolvendo o narcisismo e a gênese do Eu por meio de identificações, que se desdobrará na gênese identificatória das instâncias ideais do Eu e possibilitará, inclusive, a consolidação de uma teoria da gênese da personalidade por meio do Complexo de Édipo (onde o Supereu e o recalque primário serão os

resultados da dissolução do complexo). Emerge também um novo eixo do desenvolvimento da personalidade, que se situa de forma relativamente independente, mas inter-relacionado com a perspectiva mais tradicional do progressivo investimento em zonas erógenas constituindo fases do desenvolvimento da libido, marcada por uma concepção intrínseca assentada em um inatismo biológico: a satisfação da pulsão. Trata-se da consideração da passagem do autoerotismo para o narcisismo e deste para as relações de objeto propriamente ditas; aquilo que na época se denominou de desenvolvimento do *amor objetal*, mas que se estabeleceu definitivamente com a tradição pós-freudiana inglesa como uma *teoria das relações de objeto*.

Esse novo eixo consiste no contraponto necessário de um desenvolvimento das relações de objeto em articulação com as estruturas e funções da personalidade, na medida em que dá ênfase a uma dimensão extrínseca de determinação: o objeto da pulsão. Assim, mais do que buscar satisfação independente do objeto, passa a se considerar como a relação com os objetos não só modula e dá sentido à meta de satisfação, mas passa a configurar as próprias estruturas da personalidade. Por conta disso, inclusive, é que será preciso avançar na caracterização do aparelho psíquico, saindo de uma perspectiva de sistemas de processamento de representações mentais (o modelo topográfico) para uma perspectiva de gênese de estruturas e funções mentais (o modelo estrutural). Igualmente, pode-se afirmar que só a partir dos anos 20 do século XX é que a Psicanálise se constitui como uma Teoria da Personalidade dentro do campo das teorias psicológicas e médico-psiquiátricas, com todas as perdas e ganhos que esse movimento implicou.

De todo modo, a questão que se anuncia é a inauguração de um novo eixo do desenvolvimento e da metapsicologia que tenho proposto chamar de eixo objetal do desenvolvimento, em contraponto ao eixo pulsional – tomando como referência as propostas de Mezan (2014) de paradigmas (pulsional, objetal e subjetal) no campo psicanalítico e também de Green (2008) sobre linhagens (pulsional e objetal) na teoria psicanalítica. Esse eixo objetal é introduzido oficialmente na teoria psicanalítica com o artigo metapsicológico sobre o narcisismo (FREUD, 1914/2004) e se desdobrará na problemática de definição e caracterização da constituição do Eu, sua diferenciação da realidade exterior e o estabelecimento das relações de objeto, como uma das polaridades que dominam a vida psíquica: a *real* (FREUD, 1915/2004), por meio de processos de identificação com o objeto. Essa teoria das identificações será inicialmente abordada na consideração da constituição do Eu como instância psíquica por meio da análise do

mecanismo de identificação melancólica (FREUD, 1917/2006) e dos ideais grupais (FREUD, 1921/2010), levando à conceituação das instâncias ideais do Eu e sua consolidação em um Supereu, herdeiro da resolução do complexo de Édipo (FREUD, 1923/2011). Esse modelo de constituição estrutural da personalidade renderá uma série de indicações importantes no estabelecimento de uma nosografia psicopatológica (FREUD, 1924a/2007; 1924b/2007) e de uma categorização caracteriológica próprias (FREUD, 1931/2010), que serão a base para os desenvolvimentos posteriores da psicanálise pós-freudiana, em especial a tradição de língua inglesa mencionada.

Contudo, embora haja um percurso bem estabelecido de inovações, que, como anunciado, se amplia na comunidade psicanalítica na Era dos Debates, permitindo nomear e reconhecer um *eixo* norteador no campo, o fato é que essa teoria não encontra plena sistematização em Freud, particularmente na integração dos fenômenos e processos da ordem do narcisismo no esquema geral do desenvolvimento da libido e da personalidade (CAMPOS, 2014). Assim, o eixo que deveria compor a contrapartida objetual ao desenvolvimento, estabelecendo as gradações entre os momentos do autoerotismo, narcisismo e complexo de Édipo em termos de modo de relação de objeto (narcísica ou anaclítica) e instâncias da personalidade (Eu ideal, ideal de Eu e Supereu) não é sistematizado e, pelo contrário, é tópico de várias discussões na comunidade analítica (relação com as fases pré-genitais da libido, quantas instâncias ideais existem, existência de um estado anobjetal da libido, complexo de Édipo arcaico, etc.). Uma dessas discussões é aquela que envolve a caracterização da melancolia como entidade psicopatológica específica e sua relação com os mecanismos de identificação em um processo de introjeção do objeto primário, um debate que envolve Freud, Ferenczi e Abraham.

NARCISISMO E MELANCOLIA NA ORIGEM DA TEORIA DAS RELAÇÕES DE OBJETO

Quando se inicia uma teoria das relações de objeto em Psicanálise? Do ponto de vista histórico, costuma-se apontar como marco a *escola das relações de objeto* que se configurará na psicanálise britânica, tendo como marco paradigmático a proposição de Donald Fairbain (1952/1980) de que a pulsão busca originariamente o objeto (*object seeking*) e não a satisfação por meio da redução da tensão. Essa posição, que será tomada de diferentes formas pelos psicanalistas britânicos, por um lado no grupo kleiniano e por outro no chamado grupo intermediário, o que implica uma relativização

do princípio do prazer como regulador fundamental da metapsicologia em detrimento das regulações entre os objetos internalizados e as estruturas da personalidade e do Eu (MITCHELL, 2000). Já outros comentadores (GURFINKEL, 2017; KUPERMANN, 2019) reconhecem nas contribuições do último Ferenczi o ponto de virada e origem de uma perspectiva psicanalítica integralmente assentada sobre as relações de objeto.

Contudo, é possível afirmar que uma perspectiva acerca de um eixo objetal do desenvolvimento da personalidade se configure a partir do período de revisionismo da obra freudiana, a partir do momento em que passa a ser considerada e teorizada a constituição do Eu por meio da *identificação com o objeto* (CAMPOS, 2014). Isso quer dizer que, embora não se constitua como uma nova abordagem psicanalítica – o que envolveria uma centralidade da concepção sobre as relações de objeto na caracterização teórica e também técnica –, haveria o início de uma consideração teórico-conceitual sobre esses fenômenos e processos no nível metapsicológico e também do desenvolvimento da libido que permaneceria como uma baliza importante para o campo psicanalítico e para uma teoria da personalidade em Psicanálise. Isso pode ser observado na clássica definição do *Vocabulário da Psicanálise* acerca da *organização da libido*: “Coordenação relativa das pulsões parciais, caracterizadas pelo primado de uma zona erógena e um modo específico de relação de objeto Consideradas numa sucessão temporal, as organizações da libido definem as fases da evolução psicosexual infantil” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 328). Em adendo, Coelho Junior (2001, 2002) propõe que as concepções de objeto em Freud oscilam e se articulam em uma lógica de *suplementaridade*, combinando uma posição mais original de um *objeto da pulsão*, como o elemento contingente e variável à satisfação pulsional, com a posição que se anuncia na teoria do narcisismo de que o objeto é *objeto de identificação* (ou seja, é também por meio da especificidade do objeto com o qual o Eu se identifica que se determinam as vicissitudes dos destinos pulsionais). Portanto, é possível reconhecer que em Freud habitam essas duas vertentes, que depois se desdobrarão em linhagens distintas na história das escolas de psicanálise e que encontrarão tentativas de reaproximação e rearticulação na Psicanálise Contemporânea (JUNQUEIRA; COELHO JUNIOR, 2013).

De todo modo, é na problemática do narcisismo que incide esse ponto de viragem na teoria psicanalítica freudiana e esse tema da constituição do Eu será sempre a vertente privilegiada por onde essa temática irá emergir no movimento psicanalítico, tendo na discussão sobre a análise do caráter seu primeiro palco de debate. O que nos

interessa destacar é que a problemática do narcisismo será teorizada em sua origem na articulação direta com o quadro psicopatológico da melancolia. Assim, embora o que tenha motivado a introdução ao narcisismo na teoria psicanalítica tenham sido as psicoses esquizofrênicas e paranoides, o modelo inicial para pensar a relação narcísica com o objeto foi a identificação melancólica e, por isso, *Luto e melancolia* (FREUD, 1917/2006) deve ser considerado o texto seminal na origem de uma teoria das relações de objeto.

Para defender essa posição, me apoiarei em um texto mais recente de Thomas Ogden (2002), onde esta hipótese é defendida a partir de uma análise minuciosa da própria estrutura discursiva do ensaio freudiano, como uma demonstração de sua própria concepção geral de uma gênese da teoria da relações de objeto (OGDEN, 1983). Para os propósitos deste ensaio, essa abordagem é interessante porque além de demonstrar a problemática no próprio momento histórico que foi recortado, também considera a própria forma de descrição e caracterização dos fenômenos e processos melancólicos no texto.

A principal contribuição do artigo citado está em demonstrar como, na própria retórica freudiana, pode se reconhecer que há a passagem de uma concepção intrapsíquica e representacional de dinâmica psíquica para uma consideração de uma perspectiva intersubjetiva em que as instâncias psíquicas e seus objetos se comportam verdadeiramente como objetos mentais em um mundo interno constituído pelos seus modos de relação. Assim, é a perspectiva tradicional de dinâmica da fantasia – como o trabalho de transformação simbólica sobre conteúdos representacionais e afetivos para formação de sintomas, operando dentro de um Eu que os contém, mas não se identifica com eles – que é radicalmente transformado. O Eu começa a ser descrito como uma estrutura *personalística*, ou seja, um agente antropomórfico e intencional, que é constituído por partes conscientes e inconscientes, que pode ser cindir e dividir, gerando pensamentos e sentimentos autônomos, presentes em uma parte e em oposição a outra. Partes que se constituem e transformam por identificação e se relacionam entre si de forma inconsciente, gerando efeitos normais e patológicos.

Evidentemente, Ogden (2002) está considerando o cerne do modelo da identificação melancólica, a saber, a ideia de que na origem desse quadro haja uma identificação com o objeto idealizado de amor como forma de lidar com a sua perda. Como se sabe, Freud (1917/2006) defende que haveria uma dupla inversão do investimento pulsional, modificando a natureza da fantasia sobre o objeto: a inversão do

amor em ódio e a reversão desse ódio em relação ao objeto sobre o próprio Eu (a metáfora de que a sombra do objeto recai sobre o Eu) na forma de ataques inconscientes, produzindo então uma forma de masoquismo secundário em que se destacam o sentimento de baixa autoestima e as autorrecriações cujo sentido permanecem desconhecidos para o Eu (a desvalia constante de si e o sentimento de não saber exatamente o que perdeu nos objetos do mundo). Essa concepção, que é a dimensão mais explícita do modelo proposto por Freud, indica a identificação com o aspecto odiado de um objeto amado de forma ambivalente como mecanismo de produção do sintoma melancólico: o Eu se odeia porque se identifica com o objeto amado que também é odiado, de forma que é a ambivalência para com o objeto que determina primariamente o ódio contra si. Secundariamente, há a tentativa de preservação do objeto amado idealizado. O que não fica claro é a natureza primária ou secundária desse mecanismo. Freud, curiosamente e talvez cautelosamente, não arrisca fazer generalizações em termos de desenvolvimento da personalidade e trata o sintoma melancólico como uma forma de narcisismo secundário, ou seja, uma variação patológica da perda de um objeto de amor adulto, seguindo a esteira de uma concepção romântica de amor. Não chega a afirmar o que em uma perspectiva contemporânea parece óbvio e que Ogden (2002) ressalta como o ponto central: o fato de que o melancólico está fixado em relações de objeto de tipo narcísico, ou seja, que em seu desenvolvimento da personalidade não chegou a estabelecer de forma consistente relações de objeto propriamente ditas e por isso estabelece uma relação que é, desde o início, de natureza identificatória com o objeto e torna-se, por regressão, reforçada em sua captura imaginária e ambivalente como forma de lidar com a angústia da perda do objeto originário.

Veremos adiante como essas implicações em termos de uma teoria do desenvolvimento serão justamente o ponto de debate no movimento psicanalítico, mas o que cabe indicar é que independentemente do caráter restrito do modelo proposto por Freud, há um avanço significativo na consideração da própria relação de objeto, que Ogden (2002, p. 767) desenvolve em cinco pontos, que correspondem às cinco seções de sua análise do texto freudiano. Em primeiro lugar, a ideia de que o inconsciente está organizado em grau considerável em torno de relações de objeto internalizados estáveis que se configuram em pares de partes cindidas do Eu. Em segundo lugar, a noção de que a defesa contra a dor psíquica se dê por meio da substituição de uma relação de

objeto externa por outra de caráter interno e fantasioso. Em terceiro lugar, a ressignificação do conceito de ambivalência emocional, que passa a ter um caráter mais estruturante e não só descritivo: é o vínculo ambivalente entre os objetos internos que mantém a estrutura compulsiva e repetitiva das dinâmicas do psiquismo. Um quarto ponto diz respeito à consideração mais específica do sintoma maníaco, entendido como uma forma onipotente de pensamento e ação que corta a inter-relação entre o mundo inconsciente dos objetos internalizados e o mundo externo da experiência com objetos reais. Por fim, um quinto ponto seria a noção de que a ambivalência, mais do que uma mera polaridade dentre fantasias de amor e ódio em relação ao objeto (ambivalência como conflito inconsciente entre amar e odiar o mesmo objeto), envolve uma dinâmica identificatória e de vínculo com objetos (ambivalência como conflito inconsciente entre formas de se relacionar com diferentes objetos com os quais se está identificado). O conflito seria entre “o desejo de viver com os vivos e o desejo de ser um com os mortos” (OGDEN, 2002, p. 778).

Esse ponto é considerado por Ogden (2002) a principal inovação que se pode depreender do estudo freudiano na ampliação da concepção de ambivalência para o desenvolvimento de uma teoria das relações de objeto. Entendo que isso seja crucial para se compreender de forma mais clara o impacto revolucionário de uma teoria das identificações: as relações de objeto são, antes de tudo, de natureza identificatória e, por isso, fantasias no nível narcísico são sobretudo vinculares e não representacionais. O artigo de Ogden é bastante ilustrativo porque demonstra que no nível de uma leitura atenta da discursividade do texto freudiano se impõe a necessidade de pensar com uma metáfora diferente, de cunho relacional, como base para a metapsicologia na medida em que se avança nos quadros narcísicos. Contudo, do ponto de vista teórico-conceitual, Freud não estava pronto para renunciar a duas de suas pedras fundamentais: a centralidade do conflito em relação à figura paterna e ao masculino (com todas as suas nuances imaginárias, simbólicas e míticas) e o recalque das fantasias fálico-genitais como operador central da dinâmica psíquica.

O DEBATE EM TORNO DE LUTO E MELANCOLIA

O desenvolvimento de uma concepção de identificação narcísica em Psicanálise se inicia na década de 1910, particularmente nos anos 1913-1914, com contribuições pioneiras de Viktor Tausk e Karl Landauer para descrever formas regressivas defensivas

para lidar com o conflito psíquico em quadros psicóticos (May, 2019). Basicamente, tratava-se de descrever um mecanismo identificatório em jogo na regressão da libido ao Eu presente nas psicoses, ou seja, um adendo ao debate pioneiro entre Jung e Freud sobre as psicoses (introversão x regressão da libido). Nesse mesmo período, Ferenczi (1909/1991) já havia introduzido o conceito de introjeção a partir do manejo clínico dos quadros neuróticos e Abraham (1912/1970) aventurava-se na análise dos quadros de psicose maníaco-depressiva. Freud indica em 1915 a relação da identificação narcísica com a melancolia e escreve um primeiro esboço do que virá a ser o artigo sobre o *Luto e Melancolia* (1917/2006), remetendo-o aos dois discípulos. Inicia-se um debate, que vamos agora acompanhar a partir do artigo historiográfico de May (2019), em que há não só uma consideração detalhada dos termos da controvérsia, como também uma reconstrução detalhada do histórico de eventos, comunicações e textos, com base na correspondência dos autores, nas minutas de registro das reuniões das sociedades de psicanálise e outros documentos.

A obra de Ferenczi tem vários momentos em que progressivamente o autor vai se descolando da posição freudiana em direção a uma posição mais original e inovadora. O último momento, considerado efetivamente uma virada em seu pensamento, é o que se desdobra a partir de 1926-1928, motivado pelos desdobramentos da discussão sobre a dimensão originária da vida libidinal, mas, principalmente, com as inovações na prática clínica a partir da proposição de uma elasticidade na técnica e do princípio da *neocatarse* (KUPERMANN, 2019). Mas o que nos interessa são os seus dois primeiros períodos, principalmente as considerações sobre a introjeção que ocorrem no período sob nossa consideração.

A noção de introjeção foi uma das primeiras contribuições de Ferenczi à comunidade psicanalítica, tendo sido desenvolvida em dois textos (FERENCZI, 1909/1991a; 1912/1991b) escritos antes da introdução freudiana ao narcisismo e sua aplicação à melancolia, que a concebem a partir do prisma da dinâmica transferencial em psicanálise como um conceito fundamental para a compreensão do desenvolvimento psíquico (CABRE, 2019). Essa concepção será a base para a caracterização de um esquema sobre a constituição do Eu e do sentido de realidade (FERENCZI, 1913/1992) que se mantém muito próxima e em consonância com as teses freudianas do período, embora traga alguns aprofundamentos importantes do ponto de vista descritivo e conceitual (CAROPRESO, 2019).

A discussão ferencziana sobre a introjeção parte de uma hipótese inicial para diferenciar neuroses de psicoses e seu manejo clínico. Parte da ideia de que nas neuroses haveria uma tendência de assimilar ao Eu os objetos externos, incluindo-os em sua esfera por meio de processos introjetivos, enquanto na psicose haveria a tendência de se retrair em relação à realidade objetiva e também uma restrição do Eu que se daria por meio da projeção de seus conteúdo na realidade externa. O Eu neurótico seria dilatado e incluiria os objetos em seu campo, enquanto o Eu psicótico seria contraído. Essa concepção sobre a dinâmica introjetiva será então tomada como condição para o desenvolvimento normal “incluindo em seu âmbito o amor objetal e a transferência, a qual define como uma repetição das primeiras relações de objeto” (CABRE, 2019, p. 590). Dessas considerações iniciais se apresenta uma noção bastante original para o campo da psicanálise, que seria a ideia de que o Eu precisaria se desenvolver de uma forma contraintuitiva para o pensamento empírico-racionalista vigente: o Eu de início se confunde com a totalidade da experiência e ele precisa se afastar dela se retraindo e também se constituindo como uma unidade diferenciada. Esse processo por sua vez, é da ordem da regulação dos princípios de funcionamento mental (princípio do prazer e princípio da realidade), ou seja, a modulação dos prazeres e da satisfação libidinal é a condição subjacente ao desenvolvimento de processos de simbolização e pensamento.

Nesse contexto, a introjeção seria concebida como um processo de: “extensão ao mundo externo do interesse, autoerótico na origem, pela introdução de objetos exteriores na esfera do Ego [...] em último termo, o homem sozinho ama a si mesmo; amar a outro equivale a integrar o outro em seu próprio Ego” (FERENCZI, 1912/1991b, p. 181). Cabe notar que essa definição apresenta de forma implícita simultaneamente o investimento do objeto e a identificação com ele em um caráter narcisista, podendo então ser considerada um precursor importante para a hipótese freudiana do narcisismo. O desdobramento que o autor vai promovendo a partir dessas hipóteses está em consonância com as ideias freudianas iniciais sobre os princípios do funcionamento mental e a noção de que haveria uma passagem de um Eu regulado inicialmente pelo princípio do prazer para outro regulado pelo princípio da realidade. Nesse sentido, o autor (FERENCZI, 1913/1992) produz um esquema para elucidar esses dois momentos, propondo um período de onipotência inicial (dividido em três estágios), em que o Eu se confundiria com a realidade e com o prazer, tendo em comum o fato de se apresentarem como períodos em que: “de uma forma ou de outra, predomina a onipotência – ‘incondicional, alucinatória, com auxílio de gestos mágicos . [...]. Dessa forma, toda a

fase da onipotência estaria vinculada ao predomínio das experiências introjetivas” (CAROPRESO, 2019, p. 5). A inexorável frustração operada pela realidade levaria a necessidade de diferenciação do Eu e do mundo externo, inaugurando um “estágio de realidade”, que seria capitaneado pelo mecanismo de projeção. Essa diferenciação seria gradual e progressiva, impulsionado pela necessidade de adaptação. Com essa proposição, Ferenczi consegue avançar na caracterização descritiva dessa passagem e sua solução, em termos gerais, é incorporada por Freud (1915/2004) em sua clássica síntese sobre o Eu Prazer, Eu Realidade e Eu Prazer Modificado, o que já indica um debate entre os dois autores na consolidação desses conceitos. No entanto, algumas questões chamam a atenção.

Em primeiro lugar, a definição conceitual da dinâmica em termos metapsicológicos ainda é incipiente naquele momento. Para além de uma ideia de adaptação progressiva e da caracterização descritiva, os mecanismos que sustentam a introjeção e projeção ainda estão por definir. Há uma ideia incipiente de estado originário ou uma tendência ao prazer absoluto pleno em que Ferenczi se adianta a Freud na especulação de um narcisismo primário e de uma pulsão de morte, mas que só encontrará no último momento da obra de ambos pleno desenvolvimento e elaboração. Assim, já se pode antever uma concepção de pulsão de morte mais ligada à aceção de retorno ao estado de plenitude da onipotência inicial, do que propriamente ao estado inorgânico (DAL MOLIN, COELHO JUNIOR, CROMBERG, 2019).

Contudo, essa concepção não é desenvolvida no momento e dependerá dos avanços das proposições de ambos os autores nos anos 1920 para se estabelecer plenamente. De todo modo, falta uma ampliação na teoria das pulsões para além do imperativo da autoconservação, mas, principalmente, falta uma concepção de narcisismo que se sustente por meio de processos de identificação. Como indiquei, em geral é só implicitamente que as concepções de introjeção e projeção integram-se a um processo de identificação como condição dinâmica para modificações na estrutura do Eu e no desenvolvimento do sentido de realidade. Tanto a caracterização ferencziana inicial e principalmente a caracterização que Freud faz em 1915 é puramente descritiva. Se retomarmos o que hoje em dia é considerada uma distinção metapsicológica básica, a saber, a diferenciação entre incorporação (para dentro do corpo), introjeção (para dentro do Eu) e identificação (assimilado a estrutura do Eu), a integração entre os dois últimos ainda está por se consolidar. Isso se dá porque nesse período a introjeção do objeto é visto mais como uma ampliação ou restrição dos limites Eu do que propriamente a

modificação ou constituição de estruturas no Eu por meio de processos de identificação. Assim, é enfatizado o aspecto econômico, ou seja, a quantidade de investimento e sua esfera influência, por assim dizer, mas não tanto o aspecto dinâmico, ou seja, a qualidade e forma do investimento sobre as representações para permitir essas transformações.

De todo modo, nesse período começa a se estabelecer o fundamento de uma concepção de desenvolvimento na qual a identificação por introjeção será condição para a estruturação do Eu e de suas instâncias ideais, e chama muito a atenção que a ênfase seja na *introjeção*, o que se destaca inclusive no uso preferencial pelo termo. Isso quer dizer que o uso preferencial pelo termo *introjeção*, em detrimento da identificação, indica uma forma de não se comprometer na caracterização dos processos identificatórios que estão em jogo.

Concomitante às contribuições de Ferenczi no período em exame, há o trabalho de Abraham centrado na tentativa de estabelecer um tratamento psicanalítico para as psicoses maníaco-depressivas. Este psiquiatra alemão traz em sua formação a marca da escola de psiquiatria suíça (tendo sido, juntamente com Jung e Binswanger, aluno e discípulo de Eugen Bleuler) e, por meio dela, a preocupação com a clínica das psicoses e a questão das relações entre o Eu e a realidade. Foi pioneiro no tratamento dos pacientes psicóticos maníaco-depressivos e, por meio destas investigações, veio a aprofundar a discussão sobre os estágios pré-genitais da libido, com destaque para as modulações do sadismo no âmbito da oralidade e analidade. Em dois artigos seminais sobre o tema (ABRAHAM, 1912/1970, 1916/1970), Abraham vem estabelecer as bases para uma caracteriologia psicanalítica e para um esquema geral do desenvolvimento da libido (ABRAHAM, 1924/1970), que permanecem como as principais contribuições desse autor para a história da psicanálise e também para a origem de uma psicanálise das relações de objeto, como afirma Mezan: “Abraham explicitou a relação do erotismo oral com várias coisas, mapeando claramente seu desenvolvimento interno e sua evolução *into succeeding libidinal phases*, aquilo a que está aludindo, na minha maneira de entender, é à ideia de relação de objeto” (1999, p. 5).

A questão principal que preocupa Abraham é como estabelecer o diagnóstico diferencial entre as psicoses maníaco-depressivas e as neuroses obsessivas, já que ambas compartilham de manifestações sintomatológicas e de um grande sadismo, que se espalha em modalidades orais e anais de organização libidinal. A questão do sadismo anal vinha sendo desenvolvida por Freud a partir da análise das neuroses obsessivas,

mas o interesse pelas psicoses vinha trazendo a questão das formas de sadismo oral e suas vicissitudes. Abraham notava condutas obsessivas em seus pacientes melancólicos, principalmente nas fases intermediárias da doença (quando o paciente não estava em episódio depressivo ou maníaco) e começava a encontrar indícios de um sadismo oral nas fantasias desses pacientes. Particularmente, começou a encontrar fantasias de introjeção oral que interpretou como formas regressivas de tentar reintroduzir e identificar-se com o objeto primário perdido ou danificado pelo sadismo. Assim, era como se, diante da angústia de perda do objeto primário própria da fase anal do desenvolvimento, essas pessoas regredissem a um ponto de fixação mais primitivo na tentativa de restaurar esse objeto perdido pela sua reincorporação oral.

O autor faz inicialmente um mapeamento do erotismo oral em variados casos de psicose, seguindo a trilha de Freud aberta nos quadros paranoicos (demência precoce), mas avança particularmente na consideração dos quadros de melancolia e mania, que vão ser a base da proposição futura do esquema de desenvolvimento da libido. Nos textos iniciais citados, a preocupação do autor é fazer uma caracterização sintomatológica, indicando a relevância da psicanálise avançar na compreensão da dinâmica subjacente aos sintomas depressivos, para além da dinâmica padrão do retorno do recaiado na produção de ansiedade. Para isso, retoma as descrições de autoerotismo e da oralidade canibalesca para afirmar a necessidade de se conceber uma forma de sadismo oral própria e distinta do sadismo anal. Irá propor, em função disso, a necessidade de estabelecer uma maior discriminação nessas fases ou estágios, delimitando duas gradações em cada uma delas (uma primitiva e outra posterior) em que a tônica seria da ordem da retenção e incorporação ou da expulsão e destruição. Daí os termos, na devida sequência: fase oral incorporativa/sucção; fase oral canibalesca; fase anal expulsiva; fase anal retentiva. Essa subdivisão será a contribuição mais importante e conhecida de Abraham para a sistematização da teoria do desenvolvimento da libido.

É no contexto dos debates com Ferenczi e Abraham que Freud irá desenvolver suas próprias considerações sobre o narcisismo (1914/2004) e a melancolia (1917/2006). A análise freudiana da melancolia é uma aplicação importante de sua própria hipótese sobre a identificação narcísica, como vimos, mas o texto final reflete o diálogo entre os três autores. Para tanto, iremos apresentar as principais conclusões da reconstrução histórica e documental apresentada por May (2019).

Há algumas diferenças significativas entre o primeiro esboço do texto sobre a
SOFIA (ISSN 2317-2339), VITÓRIA (ES), V.9, N.2, P. 12-42, DEZ/2020

melancolia e sua versão final, escrita após os comentários de Ferenczi e Abraham. No esboço inicial já se encontra o cerne da caracterização da dinâmica melancólica, a ideia de um luto modificado em que os sintomas depressivos se somam à autodepreciação e perda de autoestima do Eu. Contudo, não há qualquer menção à oralidade e ao seu erotismo, nem mesmo à dinâmica da introjeção ou à ambivalência emocional, mesmo que já tenham sido reconhecidas e conceituadas nos próprios textos freudianos. Basicamente, o rascunho se resume a defender que os estados de depressão deveriam ser compreendidos como uma forma de neurose narcísica e não de transferência. As reações de ambos os discípulos foram parecidas, no sentido de apontar a necessidade de acrescentar desenvolvimentos presentes na literatura psicanalítica, em especial suas próprias contribuições.

No que tange a Ferenczi, a discussão se centra no papel da introjeção. Embora Freud tenha incorporado o uso do termo introjeção para o desenvolvimento normal da libido no seu texto anterior sobre as pulsões, ele resiste em usar o mesmo termo para se referir a processos patológicos, como a melancolia. Por conta disso, acaba utilizando *identificação narcísica* na versão final do texto sobre a melancolia. A discriminação nesses termos faz sentido, mas também impede que se estabeleça o elo que era caro a Ferenczi e a nós: a identificação melancólica precisaria ser concebida como uma forma de identificação narcísica cujo modelo são os processos introjetivos. Esse ponto de articulação é importante justamente para estabelecer a relação com um processo geral do desenvolvimento da libido e do Eu. Apesar dessas diferenças, contudo, nem Freud nem Ferenczi naquele momento atribuíam que a introjeção e a identificação estavam especificamente fundadas em uma matriz oral.

Esse segundo ponto era mais caro a Abraham, que inclusive já indicava o papel predominante das consequências e vicissitudes do sadismo oral na determinação de uma sintomatologia depressiva (os textos de ambos estão sendo escritos na mesma época). Assim, se Freud focava nas transformações do Eu pela identificação narcísica, Abraham focava nos impulsos orais sádicos e canibalísticos. Como elucidada May sobre a explicação de ambos para as autodepreciações depressivas, o melancólico toma para si a rejeição do objeto se identificando com ele: “como ganho secundário, sua identificação serve como uma punição ao objeto, vingando-se dele. A explicação de Abraham difere da de Freud: o que o depressivo realmente quer é comer o objeto, pelo o que se reprova” (2019, p. 81, tradução nossa).

Na versão final do texto freudiano, algumas concessões são feitas aos seus discípulos e contribuições, mas de forma marginal. É reconhecida a Abraham a importância na sugestão da relação entre a melancolia e o estado oral do desenvolvimento da libido, mas o fato é que esse desenvolvimento não é efetuado no texto freudiano porque, em última instância, este não via na oralidade um fator determinante na regressão narcisista dos quadros melancólicos. Também é feita uma concessão ao reconhecimento do vínculo com a mania. Já no que tange à Ferenczi, a concepção de introjeção também não é explicitamente incorporada, já que Freud prefere descrever a situação em termos inversos: não é o Eu que introjeta o objeto por identificação, o que poderia ser perfeitamente descrito por meio do duplo processo de retroação sobre o Eu e transformação de amor em ódio que foram descritos por ele como destinos pulsionais de caráter supostamente pré-genital (Freud, 1915/2004). É o objeto que projeta sua sombra sobre o Eu. Isso não só abre uma série de novas questões, como também vem minar a própria noção geral de uma dinâmica de diferenciação progressiva da realidade centrada em introjeções e projeções que se dão a partir do Eu. Em suma, parece que Freud prefere fazer uma referência poética a avançar na caracterização dinâmica nesse primeiro momento e não endossar a visão ferencziana para além de semelhanças descritivas e tomando a metáfora de forma mais abstrata. Do mesmo modo, a referência à Abraham é feita, mas de forma também marginal. Nos dois casos, o que se observa é uma resistência freudiana a endossar de forma mais clara as hipóteses dos discípulos.

O que podemos entender desse movimento intertextual em primeiro lugar é uma posição conservadora e cautelosa de Freud. Afinal, é o seu primeiro grande texto sobre o assunto e seria mais prudente se centrar na descrição do mecanismo de identificação narcísica como modelo para entender a sintomatologia melancólica (um exemplo, portanto, de narcisismo secundário) e evitar derivações mais gerais sobre suas implicações para o desenvolvimento e para uma teoria da defesa centrada no recalque. Então, avançar na discussão de um mecanismo identificatório próprio do narcisismo primário seria arriscado, e entrar no mérito da introjeção ou da oralidade demandaria dar esse passo a mais. Portanto, trata-se de um texto consistente de apresentação de uma dinâmica de narcisismo secundário e que implicitamente abre o caminho para uma discussão e teorização do narcisismo primário.

Nesse sentido, do ponto de vista puramente argumentativo e conceitual, o artigo freudiano deixa a desejar. Isso quer dizer que Freud evita, nesse primeiro momento,

entrar no âmbito das implicações desse mecanismo para uma teoria mais geral do desenvolvimento da libido e das relações de objeto. O engajamento mais efetivo com Abraham e Ferenczi certamente seria mais rico e é uma pena que esse engajamento acabe não acontecendo efetivamente na sequência da obra de Freud. Contudo, do ponto de vista retórico e descritivo, o artigo é absolutamente original na sua forma de conceber a relação do Eu com seus objetos, como foi possível acompanhar no tópico anterior. É nesse ponto que a genialidade de Freud se destaca e reside a riqueza do texto: uma consistência descritiva de caráter original aliada a uma série de derivações e encaminhamentos que indicam um novo tópico dentro da teoria.

Por conta disso entendo que é nesse momento da história do movimento psicanalítico que se configura um campo de problematizações que articula as “identificações narcísicas”, de caráter patológico, com os “estágios preliminares do amor”, de caráter normal no desenvolvimento, que são concepções originais em relação ao arcabouço conceitual existente na psicanálise até então. Isso implica não só a necessidade de criar uma teorização sobre o desenvolvimento das relações de objeto, do senso de realidade e das estruturas do Eu (portanto, do eixo objetual do desenvolvimento), como também inaugura uma concepção em que o objeto transcende uma mera representação investida de energia psíquica, em direção a uma visão mais propriamente relacional ou intersubjetiva de subjetividade. Nesse sentido, May (2019) afirma sua concordância com a ideia defendida por Ogden (2002) de que no texto freudiano de 1917 pode ser reconhecido o início da teoria das relações de objeto, pois nele: “o objeto chegou, por assim dizer, na teoria psicanalítica (no aparelho psíquico) e é empossado com grande significância e poder. [...] os impulsos instintuais não são mais o único motor da vida psíquica” (2019, p. 94).

Além disso, cabe ressaltar que esse reconhecimento do objeto se dá de forma a transcender o quadro inicial do objeto da pulsão como objeto de prazer, por meio de duas ampliações: em primeiro lugar, por sua implicação nos processos de identificação, o que virá indicar um limite para a própria teoria representacional que é o fundamento metapsicológico do aparelho psíquico da primeira tópica, mas em segundo lugar pelo papel cada vez mais importante que os impulsos sádicos e destrutivos vão ganhar na elaboração dessa dinâmica narcísica. É a partir da ambivalência emocional e da destrutividade presente nas neuroses obsessivas e na melancolia que irá se anunciar uma vertente clínica para o além do princípio de prazer e na demanda da reavaliação do sadismo e do masoquismo na sequência da obra freudiana, bem como no diálogo com

esses autores.

DESDOBRAMENTOS POSTERIORES

Para finalizar, cabe ainda indicar alguns desdobramentos do que anunciamos como ponto chave dos debates, de modo a colocar em perspectiva o alcance dessa controvérsia. Tanto Abraham quanto Ferenczi avançam bastante a partir dos anos 1920 em seus encaminhamentos próprios e na proposição de avanços mais originais em relação a Freud a partir das questões que se articulam em torno de *Luto e Melancolia*. O curioso é que também o percurso de ambos os autores irá divergir, mas por motivos distintos: as contribuições de ambos perderão força na história das ideias psicanalítica, embora estejam sendo resgatadas na psicanálise contemporânea no contexto pós-escolas, com destaque para o trabalho de Ferenczi, que desde os anos 1980 tem sido reapropriado pelo campo psicanalítico.

No que tange a Ferenczi, a recepção imediata das propostas de Freud é menos reativa e o veto parcial à sua concepção de introjeção acaba por refrear de forma mais imediata o ânimo na produção de uma teoria mais geral do desenvolvimento do Eu e da Personalidade. Contudo, um olhar mais aprofundado sobre as ideias indica que a articulação inicial entre pulsão e narcisismo, que sustentava essa concepção sobre a gênese do eu e do sentido de realidade, demandava outros elementos, gerando uma espécie de armadilha teórica, como mostram Dal Molin, Coelho Junior e Cromberg (2019). Portanto, precisou aguardar novos aportes que não só pudessem ultrapassar a concretude das metáforas intrauterinas, mas principalmente endereçar uma caracterização sobre os processos destrutivos e uma pulsão de morte que fosse mais do que o retorno ao oceano primordial da onipotência. Nesse sentido, as contribuições posteriores de Ferenczi, como mostra Caropreso (2019), vêm ressignificar e ampliar a sua teoria do desenvolvimento. Nesta, a principal contribuição advém das considerações sobre a sedução traumática do adulto sobre a criança, segundo a metáfora da “confusão de línguas”. Dela deriva a concepção original de que o reconhecimento de si e da realidade advém das vicissitudes da destrutividade e da ambivalência, particularmente da autodestrutividade em relação os objetos internalizados e à negação da realidade.

Para tanto, evidentemente contribuíram os aportes do revisionismo freudiano, notadamente a teoria da pulsão de morte e os mecanismos de cisão do eu, alucinação negativa e recusa da realidade. Nesse novo quadro, a questão da ambivalência emocional se modifica.

Ferenczi passa a destacar que a mobilização para o estabelecimento da relação com o objeto é a ambivalência, uma vez que os objetos completamente prazerosos se confundem com o Eu, e os completamente desprazerosos podem ser ignorados. A ambivalência e o conflito em relação ao objeto demandam uma operação de defusão pulsional, para que seus componentes prazerosos e desprazerosos possam ser diferenciados e encontrar destinos adequados (introjetivos e projetivos) por meio de mecanismos de cisão e de recusa. Posteriormente, deve haver uma nova fusão pulsional e integração de aspectos do Eu como forma de reconhecer a realidade e chegar ao estágio da realidade. Nesse momento, como indica Caropreso (2019), a destruição dos objetos internalizados deveria acontecer como condição para estabelecer a transição e não-fixação dos investimentos e relações com os objetos. Também ganha destaque nesse processo o mecanismo de identificação com o agressor, entendido inicialmente como a saída identificatória que a criança assume diante do não-reconhecimento de sua linguagem infantil pelo adulto e que foi generalizado como uma forma de introjeção do trauma que permanece não representado, gerando condutas de *autotomia* ou *intropressão* (CABRE, 2019).

Nesse novo quadro de referência, estamos certamente bem distantes de um paradigma pulsional e representacional, mas o fato é que essas contribuições do último Ferenczi não ganharam tanta evidência na comunidade psicanalítica na época, em função do início de sua postura mais dissidente a qual foi progressivamente marginalizada, como já comentado. Portanto, a contribuição ferencziana ao paradigma objetal ficou no ostracismo a partir do pós-guerra.

Já no caso de Abraham, a reação foi um pouco mais imediata, já que o autor prosseguiu no caminho de aprofundamento da investigação dos quadros maníaco-depressivos e na afirmação da importância das fantasias orais e anais de cunho sádico na compreensão dos pontos de fixação das psicopatologias. No seu esboço do esquema geral do desenvolvimento da libido se pode observar a riqueza do aprofundamento e detalhamento dessas fantasias e dinâmicas. Chegou a algumas novas proposições muito interessantes, que em geral são subdimensionadas, em especial a hipótese de que há um ponto demarcatório claro de estabelecimento das relações de objeto no desenvolvimento da libido. Ele parte da diferenciação clínica entre neurose obsessiva e psicose paranoica e as localiza nos dois subestágios da fase anal: a neurose obsessiva estaria fixada na fase anal retentiva e a psicose paranoica na fase anal expulsiva. Entre elas, seria o ponto no desenvolvimento onde se daria a diferenciação entre o Eu e realidade objetiva. Já as

psicoses de cunho melancólico ou maníaco-depressivo envolveriam uma regressão maior, ao ponto da oralidade sádica. O ponto interessante é que Abraham (1924/1970) reconhece que o desenvolvimento da libido investindo em zonas erógenas e modulando tipos de fantasias específicos está necessariamente articulado ao desenvolvimento do que ele chama de *amor objetal*. Isso quer dizer que, no esquema proposto por este autor, estão colocados os dois eixos do desenvolvimento que estamos defendendo como serem igualmente necessários e complementares: o pulsional e o objetal.

No que tange, então, ao desenvolvimento das relações de objeto, Abraham (1924/1970) propõe seis fases, correlatas das fases do desenvolvimento da organização libidinal. De um autoerotismo anobjetal e pré-ambivalente até a fase genital adulta, onde o amor de objeto propriamente dito se estabeleceria e se superaria a ambivalência. Basicamente, teríamos nas fases genitais o estabelecimento de relações de objeto, nas fases anais, relações de objeto parciais e nas fases orais, condições narcísicas. O problema é que a caracterização e definição mais detalhada desse eixo é bastante incipiente nesse trabalho, ficando como indicações para um trabalho posterior. De todo modo, chama muito a atenção o pouco peso que os processos identificatórios possuem no arcabouço geral dessa teorização e mesmo na própria concepção de narcisismo, que é pouco trabalhada. A ambivalência emocional é tomada de forma descritiva e, salvo indicações pontuais de aspectos negativos nessas dinâmicas narcísicas, elas são mais da ordem da descrição sintomatológica do que propriamente de mecanismos metapsicológicos específicos. Do mesmo modo, o sadismo e masoquismo ficam mais restritos ao âmbito do fantasiar do que propriamente dos processos de identificação e modificação do regime de funcionamento do Eu e do sentido de realidade. Enfim, a contribuição desse texto seminal no que tange às relações de objeto e constituição do Eu é ainda incipiente. Foi, na verdade, uma primeira tentativa de síntese por parte do autor, com a proposição inicial de um esquema, que ainda viria a ser desenvolvido e amadurecido.

Contudo, o pleno desenvolvimento desse esquema ficou definitivamente comprometido com a morte prematura do autor no ano subsequente. Por conta dessa interrupção abrupta e precoce, sua obra também ficou relegada a segundo plano na história da psicanálise. Sua manutenção como referência histórica permaneceu principalmente por ter sido incorporada à tradição mais ortodoxa da psicanálise de língua inglesa na era das escolas, mérito do manual de Fenichel (1945/1981) que, contudo, só reinterpreta o esquema, mantendo as indefinições. O principal problema não

está tanto no que Abraham não pode desenvolver, mas em uma ambiguidade que está presente já nesses seus textos e que é parte do próprio campo de problematização. Trata-se do peso excessivo dado à hipótese de um esquema sequencial e cronológico de desenvolvimento das fases da libido, em uma sequência necessária de progressão e regressão (MEZAN, 1999).

Nesse sentido, a proposição de Abraham é bem mais tributária e, na verdade, organizadora do paradigma pulsional clássico em psicanálise do que o próprio Freud. Então, a crítica freudiana à limitação da proposta de Abraham (por tentar entender a melancolia apenas por meio da regressão à oralidade) é, na verdade, elucidativa. Isso porque há uma diferença entre considerar a oralidade meramente como zona erógena que dá forma ao conteúdo do fantasiar, ou seja, fantasias de cunho oral, e considerá-la também como modo de organização da relação de objeto, ou seja, como relação de objeto narcísica e necessariamente marcada pela identificação. Então, embora Freud tenha razão em apontar a restrição ao mero fantasiar oral, o faz não tanto por reconhecer a necessidade de desenvolver o âmbito identificatório com o objeto primário e a ambivalência envolvida nesse processo, mas por tomá-lo apenas como uma regressão secundária ao narcisismo.

Por outro lado, é bastante significativo que Abraham (1924/1970) conclua seu esboço de tratado reafirmando a tese da recapitulação embriológica do desenvolvimento da libido, pagando o devido tributo à tradição de uma medicina científica, calcada em um modelo biológico do desenvolvimento. Por conta dessas circunstâncias é que Abraham normalmente não é reconhecido como um autor importante para a discussão sobre a constituição da Personalidade em termos de relações de objeto, mas entendo que essa compreensão é apenas parcial e que seu trabalho mereça também ser resgatado para além de uma referência meramente histórica. Afirmo isso porque o reconhecimento e resgate das contribuições ferenczianas na origem da teoria das relações de objeto já tem sido feito há um certo tempo e tem sido bastante presente na literatura nacional – como nossa revisão indica –, mas o trabalho de Abraham não encontrou semelhante apreciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desse percurso espiralado de problematizações, espero ter demonstrado a

hipótese de que é em torno do debate de Freud, Ferenczi e Abraham sobre luto e melancolia que se pode localizar o epicentro de uma teoria das relações de objeto na história da psicanálise. Circunstâncias diversas, incluindo as fatalidades que aconteceram com esses dois discípulos, fizeram com que essa “falha” ou ruptura nos fundamentos da teoria permanecesse dormente até a sua eclosão da segunda guerra. Ela começa a retornar lentamente com o trabalho de Melanie Klein, que, nesse sentido, é a herdeira mais direta do legado desses autores (afinal, foi analisanda de ambos), e ganha força com o movimento mais amplo das relações de objeto no Reino Unido (Fairbairn, Balint, etc.), que também é tributário da escola húngara. Essa linha na tradição é que irá definitivamente constituir uma *escola* e consolidar o paradigma objetal no campo psicanalítico. Por fim, agora, na *Era Contemporânea* da história da psicanálise (MEZAN, 2014), com o degelo da guerra fria entre as tradições estabelecidas nas escolas, que o legado seminal desses autores tem sido resgatado e revisitado.

Do ponto de vista específico do debate que procuramos caracterizar como ilustração de um ponto de convergência significativo dessa problemática, cabe concluir sintetizando alguns pontos. Para além da localização histórica de que a introdução ao narcisismo seja um marco na instituição da Era dos Debates e percussor do revisionismo freudiano, procurei indicar que nos textos do período há uma rica interlocução entre Freud, Ferenczi e Abraham que converge para a redação de *Luto e Melancolia* e que é ilustrativa dos pontos de tensão na passagem do eixo pulsional para o objetal na compreensão do desenvolvimento da libido e da Personalidade.

Há, em primeiro lugar uma dimensão revolucionária e original na apreciação da relação dos objetos com o Eu, onde o potencial de uma perspectiva via identificações é plenamente ilustrado e descrito, conforme Ogden (2002). É como se, do ponto de vista descritivo dinâmico da metapsicologia, houvesse a passagem para uma nova concepção de mente que transcende o modelo estritamente representacional e pulsional sobre os objetos. Porém, em um segundo nível, encontra-se a resistência de Freud em endossar de forma mais significativa as contribuições de Ferenczi sobre a introjeção no Eu por meio de identificação e a constituição do senso de realidade, por um lado, e de Abraham sobre a fantasia de reincorporação oral do objeto e a dinâmica ambivalente a ela associada, por outro, conforme May (2019). Ambas as contribuições indicam um papel mais importante do objeto primário materno na constituição do Eu e, portanto, na compreensão do narcisismo primário.

Defendo que, para além da justificativa circunstancial - de que Freud estava sendo cauteloso em não tirar conclusões precipitadas de um mecanismo que estava tentando caracterizar conceitualmente pela primeira vez em um texto específico -, há também uma resistência na defesa do cerne dos fundamentos epistemológicos da teoria psicanalítica até então, a qual envolve sobretudo o lugar da identificação com o objeto materno na constituição do narcisismo e suas implicações para a compreensão da gênese da Personalidade do ponto de vista psicanalítico. O que é particularmente interessante na problemática em questão é a indicação da dinâmica convergente em duplo nível a partir de uma nova perspectiva clínica: abertura na caracterização metapsicológica e fechamento na extrapolação para uma teoria da gênese do Eu.

Nesse sentido, a contribuição específica deste artigo é caracterizar no debate histórico a problemática que está na origem de uma perspectiva de relações de objeto em psicanálise: a clínica da melancolia e suas implicações para a metapsicologia e teoria do desenvolvimento da libido. O pleno desenvolvimento dessas questões é algo que foge ao nosso escopo e, a bem da verdade, ao próprio período histórico em questão, na medida em que será o legado para a era das escolas tentar resolver. Contudo, acredito que seja particularmente ilustrativo indicar esse ponto não apenas por preciosismo histórico, mas porque sua forma de elaboração é muito própria da teorização propriamente psicanalítica, no sentido que autores como Laplanche (1988, 1992) e Monzani (1989) indicam: uma espiral de problematização de natureza não resolutive.

O cerne do argumento desse artigo é mostrar que a teoria psicanalítica avança por meio da dinâmica de pontos conflitivos em tensão, fazendo emergir aspectos revolucionários da teoria que, no entanto, produzem resistências e remanejamentos defensivos, com formações de compromisso de diversos níveis que acabam organizando o próprio campo em tendências que não encontram resolução definitiva. Portanto, se o debate em torno de *Luto e Melancolia* pode ser considerado um marco na instituição do paradigma objetual em psicanálise, isso se dá não por um pensamento dicotômico do tipo continuidade ou ruptura, mas porque ali há algo revolucionário (no sentido de um novo giro sobre si mesmo) em um nível de conflito e tensão que gera repercussões inovadoras, registrado em uma forma textual e discursiva que é suficientemente ilustrativa para os fins da argumentação.

Esse percurso teórico-conceitual incide sobre a compreensão geral do estatuto do Eu em psicanálise e é fundamental para estabelecer dois pontos de interesse filosófico mais geral, que estou indicando no sentido de generalizações e implicações a partir do

que foi desenvolvido. O primeiro e mais evidente é que essa caracterização endossa o aprofundamento na concepção psicanalítica própria de ser humano em termos da relativização da centralidade do Eu e o peso das determinações inconscientes nas condutas dos sujeitos. Trata-se de um inconsciente dinâmico, construído sobre a pedra do recalque das fantasias sexuais infantis, o que revela sua origem irracional e motivação afetiva. Este é o legado da psicanálise em seu momento inaugural, até meados da primeira guerra mundial. O que se anuncia na *Era dos Debates* e no revisionismo freudiano é um aprofundamento nessa revolução, em que o Eu não é só influenciado e determinado por um inconsciente excêntrico e externo a si, mas o próprio Eu passa a ser constituído pelo investimento libidinal. O Eu possui uma gênese, bem como o próprio sentido da realidade.

É importante destacar esse aspecto porque, embora a noção de desenvolvimento da personalidade na psicologia e na psiquiatria sejam em retrospectiva grandemente tributárias do aporte psicanalítico, o fato é que esses conceitos só são efetivamente consolidados e integrados em um quadro teórico geral a partir desse momento histórico. Assim, apesar de evidentemente noções como essas estarem presentes desde o início da teorização psicanalítica, elas são, até então, secundárias. A primeira tópica freudiana não é uma teoria sobre a gênese da personalidade e de questionamento mais radical da identidade do Eu. Nesse sentido, esse modelo mais clássico e originário do campo psicanalítico ainda está relativamente assentado em concepções filosóficas e psicológicas modernas, no caso, a de uma consciência racional e reflexiva que é, sobretudo, um conjunto de funções mentais. A psicanálise da *Era dos Debates* mostra que, mais do que um Eu funcional que opera defesas, há uma gênese identificatória do Eu. Freud (1920/2006) afirmava que sua teoria das pulsões, como cerne da motivação desejante humana, passava por três ampliações em relação ao senso comum: começou com a ampliação da sexualidade, passou pela consideração do narcisismo e terminou com a indicação da pulsão de morte. A *era dos debates* se inicia com essa revolução do narcisismo, posteriormente avançando até ao princípio de nirvana, com consequências epistemológicas e éticas muito mais radicais, que envolvem, de forma mais imediata, a superação de uma concepção representacional de psiquismo (CAMPOS, 2013, 2014), mas também levando a um novo nível a própria noção de dualismo que habita a condição trágica humana (GIACOIA JUNIOR, 2008). A extração das consequências filosóficas desse último percurso, e mesmo sua plena elaboração, vão depender dos aportes das concepções contemporâneas na filosofia e nas ciências sociais, sendo este

mais um motivo para o atraso no reconhecimento da inovação e originalidade dos autores seminais aqui discutidos.

De todo modo, para além das indicações de implicações mais gerais que cabem à uma conclusão, espero ter demonstrado como o debate implícito entre Freud, Abraham e Ferenczi em torno das questões do luto e da melancolia são ilustrativos e paradigmáticos da tensão entre o eixo pulsional e o objetal do desenvolvimento da personalidade na teoria freudiana. A resistência inicial de Freud em endossar as contribuições acerca da introjeção e da oralidade, bem como os encaminhamentos frustrados das obras desses discípulos de segunda geração, certamente dificultaram o desenvolvimento naquele momento de uma teoria do narcisismo que pudesse contemplar melhor o papel do objeto materno primário e as vicissitudes da destrutividade e do sadismo. Em retrospectiva histórica e diante do contexto contemporâneo do campo, cabe resgatar esse momento chave do movimento psicanalítico.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, K. Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da psicose maníaco-depressiva e estados afins. In: ABRAHAM, K. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, p. 32-50. (Originalmente publicado em 1911).

_____. O primeiro estágio pré-genital da libido. In: ABRAHAM, K. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, p. 51-80. (Originalmente publicado em 1916)

_____. Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In: ABRAHAM, K. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*. Rio de Janeiro: Imago, p. 81-160. (Originalmente publicado em 1924).

CAMPOS, E. B. V. A posição singular da psicanálise no campo dos saberes e práticas psicológicas. In: FERREIRA, Arthur Arruda Leal. (Org.). *A pluralidade do campo psicológico: principais abordagens e objetos de estudo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2010, p. 143-179.

_____. *Considerações sobre o Estatuto Epistemológico da Psicanálise: a teoria das pulsões e a problemática da representação na contemporaneidade*. In: MOUAMMAR, C. C. E.; CAMPOS, E. B. V. (Orgs.). *Psicanálise e Questões da Contemporaneidade - I*. 1. ed. Curitiba: CRV; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 13-30.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. *Limites da representação na metapsicologia freudiana*. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

CAMPOS, E. B. V.; COELHO JUNIOR, N. E. Incidências da hermenêutica para a metodologia da pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 27, p. 247-257, 2010.

CAROPRESO, F. O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, v. 24, n. 1, e42588, p. 1-14, 2019.

COELHO JUNIOR, N. A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora*, v. 4, n. 2, p. 37-49, 2001.

_____. Variações do lugar do objeto na psicanálise freudiana. In: SIMÃO, L.; SOUZA; M. T. C. C.; COELHO JUNIOR, N. E. *Noções de objeto, concepção de sujeito: Freud, Piaget e Boesch*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 7-25.

DAL MOLIN, E. C.; COELHO JUNIOR, N. E.; CROMBERG, R. U. A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 231-245, 2019.

FAIRBAIN, W. R. D. *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980. (Originalmente publicado em 1952)

_____. *O Problems of psychoanalytical technique*. Albany, NY: Psychoanalytic Quarterly, 1941.

_____. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Ateneu, 1981. (Originalmente publicado em 1945)

_____. Transferência e introjeção. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, v. I. São Paulo: Martins Fontes, 1991a, p. 77-108. (Trabalho original publicado em 1909).

_____. O conceito de introjeção. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, v. I. São Paulo: Martins Fontes, 1991b, p. 181-184. (Trabalho original publicado em 1913).

_____. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: FERENCZI, S. *Obras completas*, v. II. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 39-54. (Trabalho original publicado em 1913).

FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed, 2006. (Originalmente publicado em 1936).

_____. À guisa de introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I, Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-132. (Originalmente publicado em 1914).

_____. Pulsões e destinos das pulsões. In: FREUD, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. I, p. 133-174. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Originalmente publicado em 1915).

_____. Luto e melancolia. In: FREUD, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 99-122. (Originalmente publicado em 1917).

_____. Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 123-198. (Originalmente publicado em 1920).

_____. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas*, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-113. (Originalmente publicado em 1921).

_____. O eu e o id. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas*, v. 19. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 13-74. (Originalmente publicado em 1923).

_____. Neurose e Psicose. In: FREUD, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. III, p. 93-102. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Originalmente publicado em 1924a).

_____. A perda da realidade na neurose e psicose. In: FREUD, S. *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. III, p. 125-134. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Originalmente publicado em 1924b).

_____. Tipos libidinais. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: obras completas*, v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 365-370. (Originalmente publicado em 1931).

GIACOIA JUNIOR, O. *Além do princípio de prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GURFINKEL, D. *Relações de objeto*. São Paulo: Blucher, 2017.

HARTMANN, H. *Psicologia do ego e o problema de adaptação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968. (Originalmente publicado em 1938).

JUNQUEIRA, C.; COELHO JUNIOR, N. E. Limites e possibilidades de diálogo: a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto. *Cadernos de Psicanálise*, v. 35, n. 29, p. 89-104, dez. 2013.

KUPERMANN, Daniel. A virada de 1928: Sándor Ferenczi e o pensamento das relações de objeto na psicanálise. *Cadernos de Psicanálise*, v. 41, n. 40, p. 49-63, 2019.

LAPLANCHE, J. Interpretar com Freud. In: LAPLANCHE, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, p. 21-32.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAY, U. In conversation: Freud, Abraham and Ferenczi on 'Mourning and Melancholia' (1915-1918). *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 100, n. 1, p. 77-98, 2019.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MEZAN, Renato. O inconsciente segundo Karl Abraham. *Psicologia USP*, v. 10, n. 1, p. 55-95, 1999.

MEZAN, R. *O tronco e os ramos: estudos sobre história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MITCHELL, S. A. The origin and nature of the “object” in the theories of Klein and Fairbairn. In: GROTSSTEIN, J. S.; RINSLEY, D. B. (Orgs.). *Fairbairn and the origins of object relations*. New York: Other Press, 2000, p. 66-87.

OGDEN, T. H. A new reading of the origins of object-relations theory. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 83, n. 1, p. 767-782, 2002.

OGDEN, T. H. The concept of internal object relations. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 64, n. 1, p. 181-198, 1983.

REICH, W. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Originalmente publicado em 1933).

Recebido em: 21/09/2020

Aceito para publicação em: 27/10/2020